

Jorge Alberto da C. Rocha*

Método e Práxis dos paradigmas à

visão sartreana

INTRODUÇÃO

Em 1960 Sartre, que para muitos parecia já ter mais ou menos concluído seu "sistema" filosófico através de o Ser e o Nada e que, a partir daí, geralmente o "**repetia**", ou o decifrava através da literatura, do teatro, do cinema..., surpreende as expectativas. Lança, nesta data e com caráter inovador, um texto chamado Questão de Método, primeira parte da sua Crítica da Razão Dialética.

Com ele a filosofia sartreana, talvez comprometida pela Franca de pós-guerra e pelas suas convulsões, tentaria inserir os seus postulados na visão marxista que tão bem, aliás, lançou luzes, desde 1845, sobre as contradições "**reais**" da sociedade burguesa.

Para tanto, o existencialismo seria concebido como um "**território encravado no próprio marxismo**" e este, além disto, segundo Sartre, seria o saber atual, a "filosofia **insuperável deste século**".

Essa tentativa de inserção e união entre marxismo e existencialismo é direcionada então, em 1960, segundo a perspectiva de uma antropologia filosófica. Este trecho, tirado do Prefácio à Edição Francesa da Crítica da Razão Dialética diz, claramente, seu propósito... "**finalmente, é questão que formulo. Uma única: temos hoje os meios de constituir uma antropologia estrutural e histórica?**" ou seja, que apreenda o homem nas suas reais determinações e em sua historicidade?

Esta questão: o homem real, concreto, social e histórico - dito assim de forma tão abrangente, não seria curiosa ou inusitada se não suscitasse, anterior a ela, uma polémica: é possível marxismo e existencialismo se unirem a fim de poder constituir um saber sobre o homem? Lukács dirá que não! Sartre dirá que sim!

A afirmativa sartreana teria um fim precípuo, exposta claramente nas últimas frases do final de Questão de

Método: dar ao marxismo uma "**dimensão humana**".

Mas esse saber constituído não seria estático, ideia fixa ou inerte. Seria, isto sim, condizente com o aspecto "**historicizante**" da realidade humana; ou seja, dialético, o que levaria Sartre a opor, na investigação sobre o homem, a razão dialética à razão positivista, perpassada em toda aquela obra.

Daí, finalmente, chegar-se-ia ao cerne da questão. Se esse saber é um saber em "**aberto**", não haveria de se constituir,

primeiramente, como método? A saber, como direcionamento de pesquisa, a partir do qual análises antropológicas as mais diversas poderiam surgir e trazer novidades?

Parece ser essa a idéia sartreana, embora não tenha sido, contudo, inusitada. Entenda-se: a polêmica sobre o melhor método a seguir em vista da constituição segura e profunda de um saber remonta há alguns séculos. Vemo-la discortinar-se, explicitamente, em Descartes, de um lado, e em Bacon, do outro.

Em meio a uma profusão de conhecimentos dispersos, vindas do classicismo antigo e da idade medieval e que, por condições históricas, toma-ram-se obsoletas, deveria surgir um novo direcionamento, um ponto de partida através do qual o homem reencontrasse os caminhos da verdade..., ou melhor, da ciência.

Foi nessa perspectiva que as obras de Descartes e de Bacon se inseriram e elas, inauguradoras daquilo que se chamou a ciência moderna, iriam deflagar uma verdadeira preocupação que a posteridade assumiria: a questão do método. Com efeito, quatro séculos depois, precisamente no século XX, durante o qual o ufanismo pós- renascentista da cientificidade daria lugar às mais diversas críticas epistemológicas (a ciência agora não seria mais considerada como um "**saber universal**") o problema do método estaria a todo instante levantado. Em autores renomados, como Popper, a tão discutida demarcação científica não encontraria solução caso a polêmica sobre o método não fosse aventada.

Mas não precisaríamos ir tão longe. Em 1830, com o Curso de Filosofia Positiva de Comte, a questão é abordada e radicalizada. Se durante longa tradição a preocupação com o método melhora ser empregado era visando às ciências naturais ou correlatas, com Comte abrir-se-ia um lugar também às ciências humanas, à sociologia. Ou seja, até os fatos sociais deveriam ser decodificados à luz dos métodos consagrados pela ciência.

No entanto, uma velha questão restava diante de toda essa profusão de paradigmas (lembramos aqui uma categoria de Thomas Kuhn): afinal, a história lá para as tantas daria fim ao processo? Ou nenhum método em particular, mesmo o empirista, conseguiria resolver de todo o problema desse difícil "**caminho a seguir**", caindo então na insuficiência ou malogro dos paradigmas?

Nosso "**caminho**" aqui proposto será aclarar tais questões a partir de alguns desses paradigmas consagrados, ir até Sartre e quem sabe (já o indicamos de logo) sugerir pensarmos na idéia de práxis a partir da visão desse autor. Talvez assim poderemos rebater, sem ceticismo, a ingênua concepção da universalidade do método de pesquisa.

IDADE MODERNA: surgimento da preocupação explícita sobre o método.

Visão Histórica:

Principalmente depois de Marx, não se pode mais falar de teorias isoladas,

distintas de práxis humana que as envolveu. Um pensamento qualquer, nas suas mais diversas formulações, é sempre expressão de uma cultura, de um tempo, de uma história. Por isso é que se diz comumente, e com justeza, que a verdade é filha do tempo, ou que os povos só formulam questões que podem resolver.

Da mesma maneira, a problemática explícita levantada por Descartes ou Bacon na Idade Moderna não nasceu como que por um encanto ou inspiração mágica. Ela teve, pelo contrário, um conjunto de forças bem definidas, historicamente localizadas, forças que direcionaram a atenção de alguns homens perspicazes e os colocaram na tarefa imperiosa de, primeiro, assimilar e, depois, decifrar os problemas que pediam solução.

Dar uma resposta definida sobre a problemática do método seria então imperioso e decidiria mesmo o próprio rumo da ciência nova que emergia.

Um dos acontecimentos mais importantes da Idade Moderna, em seu início, foi sem dúvida aquilo que se chamou Renascimento ou "**renovação** cultural", datado mais ou menos de 1450 e tido em Florença seu berço.

Mas ele foi apenas uma das muitas formas de oposição (a cultural) ao feudalismo precedente. No plano económico e social, o sistema agrário feudal aos poucos é substituído pelo capitalismo comercial ascendente dos burgueses e concentração do povo nas cidades e nos burgos. No religioso, surge a Reforma de Lutero; no político, as Utopias: Tomás Morus, Campanella (A cidade do Sol); e Bacon (Nova Atlântida); na arte, o naturalismo clássico: a valorização do nu com harmonia e simetria. Foram esses os acontecimentos provindos de uma profunda "**ânsia de reformas**".

O mesmo aconteceria no campo da ciência e da filosofia. Na cidade, novas e radicais teorias seriam levantadas, pondo em choque concepções seculares admitidas pelos dogmas da religião cristã. Basicamente, a ciência dos astros revelaria duas verdades incômodas experimentalmente constatadas: que o universo se move (!) e que a terra não é, como afirmava a tradição cristã, o centro do sistema solar ou do cosmo. Da Vinci, Copérnico, Kepler e Galileu foram seus principais arautos.

A filosofia não poderia ficar alheia àquelas reformas e isto seria traduzido pela preocupação de seguir e até definir a revolução alcançada pelas ciências.

Ainda aí deveríamos contextualizar melhor essa preocupação. Antes de Descartes ou Bacon havia o que se poderia chamar na filosofia de clima de ceticismo. Agripa de Netesheim (1487-1535) apregoava a incerteza das ciências (medievais sobretudo); Francisco Chances, ou melhor, Sanchez, contrário a Aristóteles, via na dúvida um método apropriado ao saber e, finalmente, Montaigne que direciona sua

obra para **"demolir as superstições, os erros e o fanatismo das opiniões que pretendem impor-se a qualquer preço, mascaradas de verdade, mas carentes de sustentação racional."** (Montaigne, Os Pensadores, Introdução).

Instaurado, portanto, tal clima de dúvida e percebendo paulatinamente os avanços da ciência, da política, da arte, etc, de todos os setores, afinal, opositor do feudalismo em franca derrocada, a filosofia se imbuí do propósito de começar de novo; de apontar os novos caminhos a seguir; de, finalmente, elaborar métodos apropriados de pesquisa de realidade.

Descartes e Bacon foram, neste ínterim, dois personagens de fundamental importância. Façamos rapidamente sobre suas contribuições.

DESCARTES

Descartes nasceu em La Haye, França, em 1596. Quarenta anos mais tarde escreve o **Discurso do Método**, e, com esse livro, alguns problemas pretendem ser atacados. Em primeiro lugar, corrigir as falhas do ensino em La Fleche; em segundo, (re)elaborar algumas diretrizes para o reto pensar. Nesse ponto, ele escolhe quatro: a) jamais colher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; b) dividir as dificuldades em parcelas para melhor resolvê-las; c) conduzir por ordem os meus pensamentos, começando pelos mais simples; d) fazer enumerações e revisões a tal ponto completas que nada pudesse ser omitido.

Noutro momento, restava ainda responder aos sofistas. Ora, pensavam eles, se o mundo como tal em sua presença pode ser questionado, se o sonho pode dar-me uma suposta impressão de que o que vejo é de fato real, sem sê-lo, contudo, como admitir as evidências?

A solução de Descartes para esse problema é genial. A dúvida, presente em todas essas constatações filosóficas, apontava (a princípio contraditoriamente, mas só a princípio) a uma certeza: se duvido, penso, e a outra: se penso, logo existo.

Eis, portanto, o princípio mor do cartesianismo: as idéias claras e distintas, dão a certeza a respeito da minha própria subjetividade; e dar-me-ão também a do mundo objetivo segundo um processo de raciocínio análogo: a) pos-4 sua uma idéia inata de um ser mais perfeito do que eu (Deus); b) se o deve

ser bom; c) sendo bom não permitiria o erro sistemático do espírito humano no apreender o real.

Um paradigma "**exclusivista**" da razão estava, pois, colocado: "**...a nossa imaginação ou os nossos sentidos nunca poderiam assegurar-nos qualquer coisa, se o nosso entendimento não intervisse**". (Discurso do Método, 4ª parte).

BACON

A solução metodológica encontrada por Bacon(1561-1626)pelosempiristas como conselho à nova ciência seria outra distinta da de Descartes. Quer dizer, para esse a razão voltada sobre si mesma era afinal de contas o que decidiria sobre as verdades do mundo.

Em Bacon, a situação é eminentemente outra: o conhecimento seguro só pode vir através do recurso à experimentação. Literalmente, "... **toda verdadeira interpretação da natureza se cumpre com instâncias e experimentos oportunos e adequados, onde os sentidos julgam somente o experimento e o experimento julga a natureza e a própria coisa**"(BACON, Novum Organum, 2ª parte).

Mas não basta, assim, somente experimentar à revelia. Deve-se fazê-lo com critério, abolindo os ídolos ou noções falsas que disvirtuam o intelecto dos caminhos da ciência, criando técnicas como tábuas ou "**tabelas de classificação**" e, principalmente, utilizando-se da lógica indutiva, tão pouco apreciada por Aristóteles ou mesmo pela filosofia medieval (Roger Bacon fora nesta época uma das poucas exceções).

As críticas a Bacon, óbvio, abundam. Alberto Oliva em seu livro Epistemologia: a cientificidade em questão nos fornece muitas delas. Por exemplo, para ele Bacon cria um certo mito segundo o qual começamos uma pesquisa qualquer tão-somente pela observação. Isso é falho e pressuporia um sujeito eminentemente "**puro**", sem o peso da sua existência por detrás a direcioná-lo nessa pesquisa.

Além disso, Bacon tomou irrelevante a "**forçada imaginação**". Ora, quem se valesse do método correto chegaria à consecução do seu trabalho, pensava. Porém, porque certos cientistas alcançam mais glória do que os outros? Por que se valeram melhor dos métodos indutivos, ou fizeram tábuas mais perfeitas? Ou, noutra perspectiva, em função do poder da criatividade e imaginação que lhes era inerente e, assim, por causa delas puderam apreender melhor o objeto?

Devemos dizer ainda que a própria idéia de objeto e objetividade fora muito mal explorada por Bacon. Em outras palavras, não há objetividade se tomada enquanto unanimidade de sujeitos no apreender o mundo exterior. A fenomenologia da percepção {vide Merleau - Ponty} já provou que cada um recorta o objeto a seu modo, e que a própria história e a cultura moldam essa percepção, esse recorte. Em resumo, falar em objeto é falar em presença, no "**aquilo que está aí adiante**", falar em

conhecimento é falar em sentido e interpretação particular **"hoje, para mim, ele tem essa significação"**.

Alberto Oliva sugere muito mais críticas ainda: os problemas da frase baconiana **"Saber é poder"**, a visão instrumental de ciência, tão criticada por Adorno e Horkheimer em **Dialética do Esclarecimento**, o modelo de progresso científico e a supervalorização da indução, ambos, veremos, redimensionados pela epistemologia contemporânea. Contudo, essas são críticas eminentemente contemporâneas.

Hoje conseguimos um pouco mais nos separar do paradigma empirista excessivo, mas até pouco as coisas eram diferentes. Isso é curioso, mas verdadeiro. No combate empirismo versus racionalismo, o primeiro exerceu, durante anos, influência mais decisiva - talvez porque tenha melhor demarcado ciência de pseudociência (ou metafísica) - e inclusive áreas como a sociologia foram contaminadas por ele.

EMPIRISMO E CONTRA-EMPIRISMO NA SOCIOLOGIA

O **"progresso vertiginoso"** das ciências naturais, sobretudo do século XVI e XVII em diante, encontrado na Revolução Industrial em seu apogeu, seria atribuído, em grande medida, a aceitação dos métodos empiristas. Contudo, também à especialização e demarcação crescentes dos objetos de estudo dessas ciências. Ao mesmo tempo, o homem insurge como mais um desses objetos de análise e diante disso uma nova questão então surge: dever-se-ia utilizar o método empirista na investigação sobre ele também, o homem?

Comte, no seu **Curso de Filosofia Positiva**, diria afirmativamente. E o estado positivo, posterior aos estados teológico e metafísico da humanidade, seria justamente o próprio corolário da **"subordinação da imaginação e da argumentação à observação"**.

Desde Bacon a **"ojeriza"** pela metafísica, em grande medida, se instaura. Porém, no caso específico de Comte, sua pretensão de fazer da Sociologia ou Física Social um saber menos abstrato e mais objetivo redundou em malogro. No final, o que Comte mostra mesmo é o retorno àquilo que criticara; ou seja, na visão de Durkheim, a arquite-

tura de uma metafísica do social:

Com efeito, a principal matéria de sua sociologia é o progresso da humanidade no tempo (...) Ora, supondo que essa evolução existe, só poderemos demonstrar quando dispusermos de uma verdadeira ciência. Comte não poderia, portanto, considerar essa evolução como objeto de pesquisa senão confundindo-a como uma concepção do espírito e não como uma coisa. Com efeito, não se provou a existência desse progresso da humanidade. O que existe, a única coisa

que se pode observar, são sociedades particulares que nascem, que se desenvolvem e que morrem independentemente umas das outras. (As Regras do Método Sociológico, cap. II, parte I). O problema é que mesmo Durkheim e seu renovado paradigma positivista não ficaria incólume. Autores como Max Weber denunciariam sua sociologia por não ver que, quando se fala de homens e suas relações, não se fala de coisas, que os fatos sociais são carregados de sentido e, portanto, devem ser interpretados, compreendidos, nunca simplesmente "**descritos**". Por causa desses choques de paradigmas é que talvez Kuhn algures tenha dito: "**falta à sociologia um paradigma, um modelo, uma idéia básica ou concepção aceita uniformemente por uma época que garanta o status da sociologia como ciência**".

EPISTEMOLOGIA: Método e ciência em crise.

Vimos até agora, historicamente, a influência marcante da tendência 46 empirista. Entretanto, não importa o quando durou. Mais recentemente ela, enquanto baseada nos métodos indutivos, sofreria severas críticas (lembramos do capítulo de Bacon) e, mais grave ainda: a própria ciência como um todo, antes pretendo arauto do saber possível sobre o mundo, entra também em crise. A epistemologia contemporânea, em figuras como Thomas Kuhn, Bachelard ou Popper, dentre outros, sai na frente com as denúncias. Devemos ao primeiro autor a constatação de que também a ciência é histórica. Ou seja, não é saber universal, mas circunstancial. Em cada época, ela se mune de um conjunto de idéias, valores, métodos e assim discursa sobre o real. Formas paradigmáticas que, enquanto vigem, representam na notação de Kuhn a ciência normal.

As ciências anormais, diz-nos Kuhn na Estrutura das Revoluções Científicas . constituíram-se de paradigmas que num dado momento entrariam em choque com os antigos preceitos da ciência dominante, vencendo-a hoje, mas, certamente, "**esperando**" a vez de ser vencida.

De Bachelard duas coisas devem ser expostas aqui. Primeiro, que para ele a ciência tem caráter probabilístico; segundo, a sua história é operada por cortes epistemológicos, paradigmas que se excluem e que assim tomam absurda qualquer idéia de uma ciência cumulativa e linearmente progressiva.

Por fim, Popper critica, em A Lógica da Pesquisa Científica, o método indutivo na sua inconsistência argumentativa que consiste em transformar enunciados singulares em enunciados universais, como se tivesse o mesmo poder dos raciocínios dedutivos. Para ele a solução

estaria contida num procedimento negativo: é científica a teoria que permitisse ser avaliada, testada, refutada pela experiência e esse seria, pois, o método ideal.

SARTRE: Método e Práxis

Embora bastante aceito, o método de Popper traz consigo uma indagação que naturalmente poderia brotar de todas essas análises e recuos históricos: afinal, suas indicações metodológicas não constituem, hoje, apenas mais um paradigma que tem sua força simplesmente por ser atual, quer dizer, reconhecidamente atualizado pela depuração dos **"erros"** do passado? Esse paradigma não vislumbrará algures seu ocaso? Mas admitindo-se isso não admitiremos instantaneamente também o relativismo absoluto e o caos completo de todas as iniciativas teóricas humanas?

Esta última parte desse novo trabalho visa justamente ensaiar uma resposta a tais problemas, tomando Questão de Método, de Sartre, como luz guia. É que esse autor não só cria mais um modelo de método, mas uma concepção de filosofia que talvez explique a relação histórica e método sob o signo da práxis.

Em seu livro aqui citado podemos enfocar cinco pontos nos quais ele se deteve: a) ele afirma a **"superioridade"** do marxismo como a filosofia insuperável desse século; b) demonstra a superação marxiana tanto em Hegel quanto em Kierkegaard; c) diz, não obstante, que suas idéias, a um certo momento, paralisaram-se; d) exalta as contribuições do existencialismo pós-Jaspers; e) e, por fim, fala-nos sobre os **"noites"** do seu método: considerarem primeira instância a singularidade do ser humano; para compreendê-lo, regredir através do estudo biográfico e progredir em segunda instância a partir do estudo de seus projetos.

Nesse duplo movimento de recuo e avanço, o homem, não mais ente abstra-to mais situado histórico, económico e culturalmente (etc), teria todas as condições preliminares de ser compreendido.

A questão da práxis aparece nitidamente nos pontos a, b, c. O marxismo foi genial quando, por exemplo, elevou **"o trabalho"** material e a **práxis revolucionária** acima da **"consciência"** hegeliana, ou quando desconsiderou a subjetividade algo abstrata vislumbrada na obra de Kierkegaard em função daquele homem situado e ativo. Entretanto, também pecou quando se tomou um conjunto de pensamentos fechados, um idealismo absoluto: **"submetiam-se a priori os homens e as coisas às idéias; quando a experiência não confirmava as previsões, só podia estarem erro"**.

Lógico, brechas como essas permitiriam a livre passagem das críticas do existencialismo e, por fim, a elaboração de um novo método sincrético. Mas ficar apenas nas diretrizes desse método não resolveria nosso problema. Seria preciso percorrer as suas entrelinhas e detectar nelas o seu caráter de **"abertura"** (isso lá na frente irá referir-se á

práxis). Ora, as propostas sartreanas não desembocam em procedimentos técnicos, em **"tábuas ou tabelas de classificação"** Há horizontes de análise- a biografia, o projeto, etc - e para a antropologia, especificamente, a necessidade de fazer lembrar a **"dimensão existencial dos processos estudados"**. Dimensão e horizonte são espaços por onde se pode tráfegar e não caminhos traçados sem pontos de fuga.

Por seu turno, também as idéias, os paradigmas, os modelos que desenvolvem sempre junto a si seu método peculiar, como uma sombra, não encontram muito crédito em Sartre se não forem em aberto. O que é o existencialismo? Nosso autor não gosta de falar disso, pois **"É próprio de uma 47 pesquisa ser indefinida. Nomeá-la e defini-la é fechar o ciclo: que resta? Um modo finito é já precepto da cultura, alguma coisa como uma marca de sabão, em outros termos, uma idéia"**. (Prefácio)

Por fim, ser aberto é realizar um duplo movimento: possibilitar a contribuição de outros modelos, ou, inclusive, **"desa-parecer"** (pelo menos reduzir consideravelmente a influência). O problema é que se passa rápido demais na leitura das frases. Dizer "o marxismo é **a filosofia insuperável do nosso século**" pode ser também traduzido dessa outra maneira: neste século, pelo menos neste, o marxismo viverá como uma filosofia atuante e de peso elevado.

Ora, a filosofia, assim, não existe. Há somente filosofias que nascem, cada uma a sua vez, **"para dar expressão ao movimento geral da sociedade"**, saber que permanece eficaz "enquanto vive a **práxis que a engendrou, que a sustém e é por ela iluminada**". (! parte).

Dessa forma, se a filosofia, as idéias e os métodos estão todos relacionados com essa práxis instável, a universalidade de visões e procedimentos metodológicos não tem sentido; ou ainda, o sentido de tudo isso deve nascer e **"morrer"** em cada etapa da história humana. Em outras palavras, especificamente falando, a questão do método envolve as questões do devir e da finitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD; O novo espírito científico Col. Os Pensadores, SP, Ed. Abril Cultural, 1983.
BACON: Novum Organum. Col. Os Pensadores, SP, Ed. Abril Cultural, 1983.
COMTE; Curso de Filosofia Positiva, Col. Os Pensadores, SP, Ed. Abril Cultural, 1983
DESCARTES: Discurso do Método. Col. Os Pensadores, SP, Ed. Abril Cultural, 1983
DURKHEIM; As regras do método sociológico. Col. Os Pensadores, SP, Ed. Abril Cultural, 1983
KUHN, Thomas; A estrutura das revoluções científicas. SP, Ed. Perspectivas, 1991

MERLEAU - PONTY, Maurice;
Fenomenologia da Percepção. Lisboa, Ed.
Gallimard, 1945.

MONTAIGNE; Col. Os Pensadores, SP, Ed-
Abril Cultural, 1983 (Introdução).

OLIVA, Alberto (org); Epistemologia. a
cientificidade em questão. SP, Ed. Papyrus 1990

POPPER; A lógica da investigação científica, Col.
Os Pensadores.SP, Ed. Abril Cultural, 1983.

SARTRE, Jean-Paul; Questão de Método, Col.
Os Pensadores, SP, Ed. Abril Cultural, 1983